



## **Vivências agroecológicas: construção do conhecimento agroecológico através dos laços entre campo e cidade**

*Agroecological experiences: construction of agroecological knowledge through ties between countryside and city*

VIANA, Raíssa<sup>1</sup>; GONZAGA, Noel<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Universidade Federal do Pará, raissa.viana@ifch.ufpa.br; <sup>2</sup> GRUCA, sitiovelhoroque@gmail.com

### **RESUMO EXPANDIDO TÉCNICO CIENTÍFICO**

#### **Eixo Temático: Construção do Conhecimento Agroecológico**

**Resumo:** O Grupo para Consumo Agroecológico (GRUCA) é um grupo de consumo responsável que reúne consumidores da Região Metropolitana de Belém do Pará e produtores agroecológicos. Pautado na alimentação como um ato político e cultural, o grupo busca refletir e atuar criativamente sobre o tripé produção, comercialização e consumo. Neste sentido, entre suas atividades, o grupo realiza a comercialização de produtos, microcréditos solidários para os agricultores e as vivências agroecológicas. Estas realizam uma aproximação campo-cidade com trocas de saberes e mostram-se importantes para construção do conhecimento agroecológico e para o fortalecimento de laços entre os agricultores anfitriões e os visitantes. Assim, o objetivo deste trabalho é apresentar como se dão esses encontros e discutir alguns resultados. Para o desenvolvimento deste trabalho optou-se pela metodologia qualitativa na perspectiva participante, considerando que os autores também estão imersos na realidade investigada.

**Palavras-chave:** consumo responsável; grupos de consumo; alimentação.

#### **Introdução**

O modelo hegemônico de produção, comercialização e consumo de alimentos é caracterizado pelos intensos impactos sociais, sobre o meio ambiente e sobre a saúde humana. Este modelo foi definido por Van Der Ploeg como Impérios Alimentares, os quais, segundo ele, “se processa como a conquista da natureza, da vida dos alimentos e da agricultura” e “afetando igualmente padrões de consumo, à saúde e a identidade dos consumidores” (2018, p. 260).

Neste modelo, mesmo que alimentos in natura, em grande medida, sejam produzidos ao redor, ou dentro das regiões metropolitanas, via de regra, quem come, não conhece quem planta, e vice-versa.

Em resposta às crises que o sistema agroalimentar atual apresenta, surgem movimentos alternativos entre os quais estão os Grupos de Consumo Responsáveis (GCR), que, para além da comercialização e consumo de alimentos livres de transgênicos e agroquímicos, são motivados pelo “desejo de possibilitar a aproximação entre produtores e consumidores e de integração entre o campo e a cidade” (PISTELLI; MASCARENHAS, 2011). A materialização dessa aproximação acontece de variadas formas. A própria iniciativa de acessar diretamente produtores que estão muitas vezes à margem dos mercados convencionais já propicia essa



aproximação. Para tal, canais de comunicação e regras de conduta são estabelecidas e ancoradas em valores como justiça, transparência e solidariedade. Outra prática, no sentido de aproximar consumidores e produtores, são as vivências nos locais de produção, sítios, lotes, pequenas fazendas. Esses eventos são promovidos para que consumidores da rede, e às vezes pessoas externas, possam vivenciar um dia, um fim de semana, enfim, algum tempo junto aos produtores, para conhecer de perto um pouco da vida de quem produz alguns dos seus alimentos.

O GRUCA é um coletivo autogestionário que busca aproximar produtores agroecológicos e consumidores promovendo estratégias para a produção, comercialização e consumo de produtos in natura e processados através de um comércio justo e solidário. Como também, visa promover o acesso a alimentos seguros que compõem a cultura alimentar local seguindo o princípio de circuito curto de comercialização.

O nascimento do grupo se deu em novembro de 2014 como trabalho de finalização do curso de Especialização em Agriculturas Amazônicas e Desenvolvimento Agroambiental (DAZ/UFPA). Desde então, busca reunir pessoas interessadas em recriar sua relação de consumo, em especial dos alimentos, e queiram concretizar esse desejo através das ações do grupo, ou seja, das compras coletivas, das vivências agroecológicas e do microcrédito solidário. Atualmente, o grupo possui uma rede com cerca de dez pontos de produção parceiros, são lotes familiares em assentamentos de reforma agrária e sítios “situados no espaço geoeconômico da Região Metropolitana de Belém (RMB), ou próximo dela (AQUINO e outros, 2020, p. 70). Também tem a parceria do Ponto de Cultura Alimentar Iacitátá, que compra produtos da rede para compor o cardápio da casa e também disponibiliza alimentos de municípios vizinhos e de outros estados, de cooperativas ligadas ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST).

As vivências agroecológicas promovidas pelo GRUCA são ações de sociabilidade pensadas com o objetivo de aproximar os participantes do grupo, dos produtores, a partir de uma vivência imersiva nos lotes de produção. Esta atividade foi proposta desde a criação do grupo, como complementar à atividade de compra coletiva e busca criar e fortalecer laços de confiança e solidariedade entre os participantes da rede. Elas são planejadas com os membros da gestão do grupo e os produtores interessados, com cerca de quarenta dias de antecedência, neste momento, uma atividade a ser desenvolvida no local é pensada, podendo ser: uma oficina, um plantio, uma limpeza de área para plantar, uma feitura de farinha, uma reunião do grupo, entre outras. Também é planejado o almoço a ser servido - privilegiando alimentos locais - e o valor a ser cobrado pelo mesmo. Às vezes, atividades de lazer, como banho de igarapé, também são incluídas no roteiro. O objetivo deste trabalho é analisar estas vivências buscando compreender a contribuição para a relação entre produtor e consumidor, identificar as trocas de saberes entre os participantes e a promoção da valorização da agricultura agroecológica.



## Metodologia

Realizou-se pesquisa bibliográfica sobre o tema e um levantamento documental sobre a ação nos arquivos de mídia do grupo, que resultou em um histórico das vivências realizadas. E para obter respostas dos participantes, foi utilizado um pequeno questionário que circulou no grupo de Whatsapp do GRUCA. Para coletar as percepções dos agricultores anfitriões, fez-se apenas uma pergunta aberta, também via Whatsapp.

Com o objetivo de obter a opinião dos participantes sobre as vivências agroecológicas promovidas pelo grupo, a metodologia utilizada foi a qualitativa na perspectiva participante, que se deve ao envolvimento dos pesquisadores e dos pesquisados com o processo de pesquisa (GIL, 1996, p. 31), pois todos integram o GRUCA. Assim, o questionário contava com três perguntas, sendo duas para respostas diretas e uma aberta:

Você já participou de alguma vivência agroecológica do GRUCA? (Sim ou Não)

1.1) Se sim, o que pode nos dizer sobre essa experiência?

1.2) Se não, tem interesse em participar (Sim ou Não)?

Obteve-se 35 respostas, enviadas por mensagem de texto ou de áudio, das quais 17 pessoas participaram de alguma vivência e outras 18 responderam “não”. Para este trabalho as respostas dos primeiros serão discutidas. Também foram coletados 3 depoimentos de participantes em suas redes sociais. Optou-se por identificar os consumidores por C1, C2, assim por diante, numerados conforme sua ordem na planilha de respostas.

Para os anfitriões, a pergunta foi: As vivências são estes momentos onde os agricultores recebem os visitantes em seus lotes. Na tua opinião, porque esses encontros são importantes? Duas agricultoras responderam e estão identificadas por A1 e A2.

## Resultados e Discussão

Após o planejamento, a vivência é divulgada nas redes sociais do GRUCA, podendo participar os membros do grupo, seus familiares - inclusive crianças - e pessoas interessadas em conhecer a atividade. A confirmação é feita a partir do pagamento referente à refeição a ser oferecida. O deslocamento até os locais é feito por carros particulares dos próprios participantes, que também promovem caronas solidárias ou, caso haja interesse da maioria, um transporte extra pode ser contratado.

As vivências são marcadas para começar pela manhã, por volta das 9h. Já no local, começa-se com uma roda de apresentação dos participantes, logo em seguida o anfitrião relata sua trajetória e sobre o lote/sítio. Posteriormente, realiza-se uma caminhada pelo local. Geralmente é servido o almoço e, após um breve descanso pode ser realizado um trabalho ligado à terra (plantio, capina, manejo, etc.). Em uma



ocasião aconteceu uma oficina de preparo da carne de jaca, que posteriormente veio a se tornar um produto disponibilizado para comercialização. Até o momento já foram realizadas quinze edições, com no mínimo uma em cada ano, com exceção do ano de 2020 por conta da pandemia de COVID-19.

Sem identificar a identidade dos participantes da pesquisa, iremos analisar o que os que já participaram dizem sobre a experiência da vivência agroecológica e a partir dessas falas, discutir sua importância nas relações que permeiam o grupo.

Observa-se nas falas de alguns que as vivências alcançam o objetivo de apresentar para os participantes um pouco da realidade de quem produz os alimentos. Como apresenta C12: “Foi muito interessante conhecer a realidade do produtor, sua história, seus projetos, seus desafios”. C29 também ressalta este aspecto, assim como, o da solidariedade para com os produtores: “A experiência é muito rica, conhecer os locais de produção, os produtores e sua trajetória. Nestas conversas com eles, podemos saber de suas dificuldades e pensar alternativas para ajudá-los”.

Percebe-se as vivências como espaços de conexão campo-cidade, entre os universos de quem produz os alimentos e o de quem os consome, funcionando como um contraponto ao sistema agroalimentar hegemônico, que nas palavras de Sevilla Guzmán e outros (2012, p. 23), promoveu “a separação dos espaços rurais e urbanos e a consequente desconexão entre produção e consumo alimentar”. A fala de C27 ilustra essa percepção: “gostei da experiência de plantar, pois eu não tenho um contato tão próximo com a terra ao ponto de plantar, pois moro em apartamento, isso foi bem legal”.

Outrossim, como via para a construção do conhecimento agroecológico as vivências realizam a aproximação entre o campo teórico e a prática. São espaços de trocas mútuas, onde consumidores, gestão e produtores, podem escutar, propor e construir melhorias para o funcionamento das atividades do grupo e inclusive prospectar novos produtos. Conforme afirma um dos gestores do grupo:

[...] a vivência da oficina da carne de jaca é um dos maiores orgulhos do grupo. Pensei nesse novo produto porque eu sabia que a Neuziane tinha jaca e como temos muitos vegetarianos, imaginei que seria bom ter a carne de jaca já cozida. Daí fomos buscar na Internet como poderíamos produzir. Coloquei a ideia pra Neuziane e ela topou. Na vivência já fizemos a carne de jaca para nosso almoço. Lembro que decidimos por pacotes de 500g porque uma consumidora que mora só, tava lá, pediu assim. Agora temos esse belo alimento, um produto de maior valor agregado, que incrementa a renda para a Neuziane. A Tainá, depois, colocou no cardápio do laticatá. Foi um sucesso. Ilustra bem as possibilidades de um grupo de consumo responsável.

Os anfitriões destacam as vivências também como espaços de interação e fortalecimento da confiança. Conforme A1: “é importante porque [os agricultores] ficam conhecendo seus clientes, e eles ficam conhecendo de onde vem o seu alimento, se na verdade é um produto limpo, sem veneno”, afirma uma agricultora



da rede”. Para A2, “o mais importante são as relações humanas, laços de amizade, conhecer o processo de produção e trabalho envolvido”.

## Conclusões

Através do acompanhamento *in locus*, dos relatos coletados para este artigo e de estudos sobre a temática, percebe-se que as vivências agroecológicas do GRUCA propiciam um espaço para a construção do conhecimento agroecológico de forma transformadora, na medida em que promovem o encontro de sujeitos tão diversos e o debate a partir da comida e do lugar de onde ela é produzida e na partilha de saberes entre quem a produz e quem a consome. Nesse sentido, esta prática contribui com o conhecimento agroecológico de forma horizontal, inter e transdisciplinar.

Pela experiência com o GRUCA, acredita-se que a construção do conhecimento agroecológico não se limita apenas às vivências, pois esta é percebida em outros momentos também, podendo assim ser objeto de investigações futuras. Por fim, tampouco entende-se que este ensaio abarcou todas as nuances dessa troca de saberes entre os participantes, assim enxerga-se um leque de possibilidades futuras, como explorar os conhecimentos construídos em uma determinada atividade, o papel das crianças nesses momentos e o que cada participante leva da vivência para sua vida cotidiana e até profissional.

## Referências bibliográficas

AQUINO, Tayná P. et al. Aproximação entre agricultores e consumidores durante a pandemia da covid-19: experiências de pesquisa-ação em prol dos circuitos curtos de comercialização. **Universidade e Meio Ambiente**. Belém, v. 5, n. 1, p. 65-78, 2020.

BARBOSA, Malba T. **Educação Ambiental Popular: a experiência do Centro de Vivência Agroecológica - CEVAE/Taquaril**. 2002. 155 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais, 2002.

BUENAVENTURA, Ivonne M. R. et al. Circuitos cortos de comercialización (CCC): Un enfoque desde las experiencias agroecológicas en el territorio brasileño. **Cooperativismo & Desarrollo**, v. 29, n. 119, 1-33, 2021.

CAVALLI, Suzi B. Segurança alimentar: a abordagem dos alimentos transgênicos. **Revista Nutrição**, Campinas, 14 (suplemento), p. 41-46, 2001.

RODRIGUES, Rafaella C. et al. Projeto CASA: vivências agroecológicas para integração campo-cidade. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE AGROECOLOGIA, 11., 2019, São Cristóvão. **Anais eletrônicos...** São Cristóvão: Associação Brasileira de Agroecologia, 2019. (Cadernos de Agroecologia, v.15, n. 2, 2020).



GIL, Antônio C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2008.

CALO, Inês. et al. Circuitos cortos de comercialización en Andalucía: un análisis exploratorio. **Revista Española de Estudios Agrosociales y Pesqueros**. Série 232, p. 193–227, 2012.

PLOEG, Jan D. V. D. **Camponeses e impérios alimentares**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2018.

SANTOS, Nádia B. **Consumo Responsável e Mobilização Social**: Estudo de caso da dinâmica comunicacional da Rede Ecológica do Rio de Janeiro. 2013. 107 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

GUZMÁN, Eduardo S, et al. **Canales cortos de comercialización alimentaria en Andalucía**. Instituto de Sociología y Estudios Campesinos. Universidad de Córdoba. Fundación Pública Andaluza Centro de Estudios Andaluces y Consejería de la Presidencia e Igualdad. 2012. Disponível em: [https://www.juntadeandalucia.es/export/drupaljda/CCC\\_alimentaria\\_en\\_Andalucia\\_2012.pdf](https://www.juntadeandalucia.es/export/drupaljda/CCC_alimentaria_en_Andalucia_2012.pdf). Acesso em: 8 jun. 2023.